2.3 Gênero autobiográfico

Os documentos oficias indicam que o ensino-aprendizagem da língua materna na escola deve partir de situações mais comuns, mais assimiladas pelos alunos e irem ganhando complexidade no decorrer do seu amadurecimento educacional. Acreditamos que as narrativas, nesse contexto, possuem estruturas textuais bem próximas ao cotidiano do aluno, pois, o ato de contar histórias, de relatar fatos é universal nas culturas humanas, sendo uma das atividades que podem identificar nossa "humanidade". Do mesmo modo, acreditamos que as autobiografias são atividades que fazem parte da formulação de quem somos – contar sua própria história é compartilhar um pouco de si com os outros.

Além disso, a memória autobiográfica é o que conduz o indivíduo em suas escolhas. Segundo Huffman (1996 apud ALENCASTRO, 2009, p. 75) "sem memória autobiográfica o indivíduo não seria capaz de saber quem são as pessoas com quem convive, como é o mundo, o que esperar da vida; o indivíduo não seria capaz de saber quem ele é". Ademais, como reconhece Singer (1993 apud ALENCASTRO, 2009, p. 75), "ela permite o sujeito definir a si mesmo, se reconhecer na sua própria experiência, e expressar a respeito de sua trajetória". Portanto, a história de vida em que consiste a autobiografia é composta por eventos pessoais selecionados por terem significado especial. Ou seja, formulamos em nossas histórias aquilo que nos remete a nós mesmo enquanto autoimagem em construção.

Existem várias formas de pensarmos o autobiográfico, Camargo (2010, p. 18), recorre à Bakhtin e traduz de forma simples e direta este questionamento, "o autobiográfico como 'escrita de vida' não chega a ser estetizado até o momento em que se passa da pergunta da confissão 'Que fiz eu?' para a pergunta da autobiografia 'Quem sou eu?'".

O ato de elaborar e compartilhar nossas autobiografias sempre foi muito simples e, de alguma forma, controlados por nós mesmo: escrevíamos cartas, anotávamos pensamentos, criávamos diários, contávamos histórias em nossos círculos de amizades e de convivência. Contudo, na atualidade, o ato de criar autobiografia, nossa autoimagem, ganhou uma ferramenta extremamente potente – o ambiente virtual. Com a entrada dos espaços virtuais em cena, o ato de produzir autobiografia motiva diversas discussões. De um lado, estão aqueles que consideram quase extinta sua existência, pois, ao serem publicadas em um blog, por exemplo, esses textos estariam sendo lançados no esquecimento do imediatismo, em um universo labiríntico (MERLINI, 2011, p. 85 apud

LEJEUNE, 2011). Há, entretanto, aqueles que consideram que os espaços virtuais potencializam os textos autobiográficos. Isso aconteceria, por exemplo, nas redes sociais, que criam uma espécie de autobiografia multissemiológica. Sobre essa questão, Lejeune (2006, p. 11) argumenta:

> é numa direção muito diferente que é preciso imaginar uma autobiografia eletrônica. Não um texto corrido, no modelo do livro. Mas uma criação que utilizaria a própria forma da nova mídia, explorando de maneira criativa suas possibilidades: de um lado a hipertextualidade (a construção de um conjunto de fragmentos, conectados por redes de ligações, que escapam à forma linear do livro), de outro a intermidialidade, se assim posso dizer (a utilização combinada do texto, da imagem e do som).

Particularmente, nos vemos mais propensos a concordar com essa visão de que vivemos um momento em que os textos autobiográficos, longe de estarem extintos, ganharam uma nova dimensão. No projeto que desenvolvemos, trabalhamos com o conceito básico de autobiografia como relatos de vida, como narrativas do eu, focando no texto escrito, sem explorar o potencial multimodal dos textos produzidos em ambiente digital. Contudo, concordamos com Ferrari (2012) quando, diante do questionamento sobre se existiriam "novas formas significativas de narrativas na nova mídia digital" (p. 122), a autora responde: "sim, porque ela tem propriedades de expressão próprias: enciclopédica, espacial, processual, participativa". Tais características ampliariam as possibilidades de produção, compreensão e divulgação desse tipo de texto.

Como a proposta de intervenção que desenvolvemos seria aplicada em uma turma do sexto ano do ensino fundamental, optamos por centralizar nossos esforços na estrutura básica do texto verbal, com vistas a favorecer a construção, por parte dos alunos, de um saber estruturado sobre o gênero autobiográfico. Acreditamos que, em momentos posteriores, poderiam ser exploradas as possibilidades hipertextuais e intermidiáticas do texto autobiográfico, com a sobreposição de diversas formas de expressão, utilizando, por exemplo, *youtube* (vídeos, clipes, áudios, etc.), *easilly* (criação automática de infográficos), redes sociais, etc. Por uma questão de tempo hábil para elaboração e aplicação da proposta, o projeto que desenvolvemos abrange apenas o texto verbal.

De todo modo, apesar de não avançarmos na questão da multimodalidade, propomos aos nossos alunos uma experiência de produção autobiográfica em meio digital. Entendemos ser este um ponto de partida importante para o aproveitamento das possibilidades da escrita digital, deixando o "caminho aberto" para outras possibilidades.

Acreditamos que a interação possibilitada pelas TDIC cria dois momentos de aprendizagem, o primeiro, individual, onde eu me elaboro e elaboro meus saberes através de minhas escolhas, e o segundo, coletivo, onde eu me reelaboro e reelaboro meus saberes através da participação de um grupo. Nesse sentido,

> as tecnologias "propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos. Por meio da midiatização das tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento do currículo se expande para além das fronteiras espaços-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros, portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico". (ALMEIDA; VALENTE, 2012 apud MORAN, 2014, p.5).

Na próxima seção, discutimos mais detidamente algumas ideias que fundamentam nossa proposta de intervenção, no que diz respeito à relação entre tecnologia e ensino.